



A Arquitetura Moderna em Bagé pós projeto da Assembleia Legislativa do RS

Rui Fernando Silva Alves Júnior, mestrando em Arquitetura e Urbanismo pela
UniRitter, arquiteto e urbanista na Universidade Federal do Pampa
Dr. Marlón Uliana Calza, docente no Centro Universitário Ritter dos Reis
Dr. Fábio Bortoli, docente no Centro Universitário Ritter dos Reis
ARAquel Beck da Silva, arquiteta e urbanista

e-mail - ruialves@unipampa.edu.br

A presente pesquisa se debruça sobre a contribuição da Arquitetura Moderna de vertente regional, ocorrida na cidade de Bagé-RS, após as repercussões do projeto da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. Acerca do tema proposto, assume-se o Modernismo como um conjunto de movimentos culturais heterogêneos que permearam inúmeros estilos e escolas (artísticas), encontrando morada na literatura, na arquitetura, design, pintura, escultura, teatro e a música, acarretando uma expressiva cena cultural, e encontrando desdobramentos ideológicos na sociedade. De forte repercussão na primeira metade do século XX, os movimentos absorveram e caracterizaram-se por uma infinidade de nuances em diferentes partes do mundo, o que gerou uma produção distinta. Não diferente, o estado do Rio grande do Sul produziu objetos de estudo, que embora fossem carregados de influências, não podem ser tidos como meras cópias do que se produzia em centros de maior envergadura na Arquitetura. Tal estudo, tem por objetivo geral problematizar os desdobramentos no estado, e em especial no município de Bagé, da Arquitetura Moderna, a partir de uma visão geral do contexto. Esse objetivo se desdobra em: compreender o contexto relativo à Arquitetura Moderna Gaúcha e levantar material, documentar e analisar a obra na cidade. O estudo parte do insipiente reconhecimento da Arquitetura Moderna em solo bajeense (a pesquisa encontrou apenas uma obra sobre o assunto, embora esta seja extremante sólida cientificamente), no qual se desperta uma inquietude em se analisar novas abordagens de arquitetos alinhados com o movimento. Ao se reconhecer a Arquitetura Moderna como de importância vanguardista histórica e cultural e consequentemente para a sociedade como um todo, onde corrobora-se com uma releitura realizada no sul do Brasil, de repercussão já confirmada por pesquisas anteriores, se faz necessária a realização de registro e documentação de modelos da referida época. São exemplares possíveis de deterioração ou demolição por resultado de uma especulação imobiliária em voga, já que a grande parte dos modelos modernistas se localizam em áreas valorizadas nas cidades atualmente. Referente à metodologia utilizada, utiliza-se uma abordagem qualitativa junto a um mosaico de métodos que envolve: dedutivo, dialético e fenomenológico. Caracteriza-se como uma pesquisa exploratória e descritiva, no qual possui os procedimentos de coleta de dados bibliográficos e documentais. No que se refere à Arquitetura Moderna Brasileira, já a partir da década de 1960, é percebida uma mudança dos

rumos e alterações no contexto socioeconômico e cultural brasileiro, que gera consequências na arquitetura produzida no sul do Brasil. Há uma mudança no que seria o eixo hegemônico, do Rio de Janeiro para São Paulo, e de maneira intrínseca, acaba por gerar repercussões na arquitetura gaúcha. O projeto da Assembleia Legislativa, é apontado como um importante ponto de mudança de caminho da Arquitetura Moderna produzida em Porto Alegre, que passou a adotar como referenciais a obra de Mies e outras manifestações convergentes de linhagem construtiva, o que convergiria em um suposto Estilo Internacional. Na continuação, haveria uma contribuição do chamado Brutalismo Paulista, em casos que se desmembram nos subseqüentes. Nessa reta final de transição dos anos de 1950 para os 60, também na Arquitetura Moderna Brasileira, as linhas Corbusianas passam a dar espaço a um modelo chamado de Estilo Internacional, que via na figura de Ludwig Mies van der Rohe uma de suas figuras principais. Esses moldes foram adotados pela Escola Paulista e não diferentemente por seus pares no sul, elaborando o que poderia ser considerado uma espécie de novo padrão estético, centralizado na racionalidade e neutralidade, a partir de edificações de plástica atemporal. E nessa direção, houveram desdobramentos desta arquitetura regional em solo bajeense, podendo-se citar alguns exemplares tais como: a Residência Luiz Rodrigues Maia, de 1960 com autoria dos arquitetos Lincoln Ganzo de Castro e Flávio Figueira Soares; Agência do INSS em Bagé, de 1968-1970 com autoria dos arquitetos David Leo Bondar, Arnaldo Knijnik e Iveton Tôres; e a Agência da Receita Federal em Bagé, de 1972 com autoria dos arquitetos Cláudio Araújo, Newton Silveira Obino e Carlos Eduardo Dias Comas. Em suma, verificou-se que embora o município possua um menor número de exemplares desta vertente regional da arquitetura, é possível a constatação que a cidade contribuiu para com o movimento. São obras que embora se constatem influências, muitas delas internacionais ou de polos nacionais do Brasil, há uma singularidade no modo de fazer e na materialidade. Pode-se analisar, que o município também passou por uma transição estética na arquitetura, ocorrida após a construção da Assembleia Legislativa do RS.

Agradecimentos: CAPES, UniRitter e UniPampa.

Palavras-chave: Arquitetura Moderna Brasileira; Arquitetura Moderna no Rio Grande do Sul; Arquitetura Moderna em Bagé; Projeto de Arquitetura.